

DIRETORES E PROPRIETÁRIOS
Lyster Franco e
João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR
João Pedro de Sousa

EDITION
Lyster Franco

PÚBLICA-SE NOS QUARTAS E SABADOS

HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia do Heraldo
RUA 1.º de Dezembro

FARO
25 centavos
ASSINATURAS
25 numeros..... 50 centavos
COMUNICADOS E ANUNCIOS
Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª
e 2.ª pagina contrário especial.

PARA A FRENT

Os ardentes votos de todos os patriotas portugueses, ao começar este novo ano, são para que a obra reformadora, de saneamento e de patriotismo, tão inteligentemente desenvolvida no ano que findou, prosiga em 1914 com igual coragem e igual resultado. Não ignoramos que todos os inimigos das instituições, por isso mesmo, desejam que a República retrograde, em vez de progredir. Para a frente, nuncal—gritam os nossos adversários—porque para traz é que é o caminho em que o paiz voltaria à sua anterior situação de coisa esravizada à soberana vontade do príncipe e de seus lacaios. Mas a salvação do paiz, e com ele a da República, está justamente em se distanciar o mais possível, e sem indecisões, dos processos que a monarquia usava para o governar e administrar.

Quanto menos a República, nos seus processos de direção suprema e geral do Estado, se assemelhar aos do regime deposto, mais garantias dará ao paiz de prosperidades e de honrada administração. O ano que findou é disso prova irrefutável. A monarquia governava com *deficits* permanentes e permanentemente pairava sobre todos nós a ameaça da bancarrota, acompanhada do ridículo e do descredito de todo o estrangeiro, para quem o nome de Portugal significava fraude, estupidez, decadência de nacionalidade, cinismo, desonra. Será necessário recordá-lo? Com a República mudou tudo isso, e, muito especialmente, com a administração honrada e patriótica que assinalou o ano de 1913. Portanto, para a frente, trilhando o mesmo caminho, é que deve ser o lema da obra republicana.

* * *

E assim que o ministério é radical, como lhe chamam os seus adversários, parecendo desconhecer o sentido especializado do termo? Abençoado radicalismo, que reabilitou o nome português perante todo o mundo! Conservadora, por conseguinte, era a monarquia, e não ha dúvida de que até ao superlativo o era também sob este particular aspeto da questão. Os *deficits* crescam de ano para ano assustadoramente, como efeito necessário da sua ruinosa administração. Que fazia a monarquia? A ruina juntava ruina nova, consecutivamente pedindo emprestado, não só para cobrir as despesas públicas ordinárias, como para pagamento de amortização e juros dos empréstimos contraídos. Era a *baule de neige*. Aonde iríamos parar com um tal processo de governar um paiz empobrecido? A aniquilação da independência, com todos os tristes e humilhantes episódios da desonra. Era a morte infamante a prazo curto.

Para traz? Não, o caminho é para a frente. A róta a seguir é a mesma que, ha um ano, segue o governo da República, trabalhando incansavelmente e honradamente para a regeneração da Patria e para o seu engrandecimento. As lutas partidárias são estereis sempre que se não norteiam pelo bem

comum, antes pelo interesse das clientelas e ambições desrasonáveis dos corrilhós. Mas elas são profundamente prejudiciais nas circunstâncias de ativa consolidação republicana em que se encontram as instituições políticas, e caracterizadamente criminosas, nos efeitos, atendendo ao trabalho criador em que o ministério empenhou a sua grande abnegação, o seu patriotismo e a sua coragem. Que todos, com a mão na consciência, aconselhados pelo seu coração de bons portugueses, considerem no prejuízo e desastres de lutas entraídas no culto do personalismo. Acima de tudo, a Patria, acima de todos, a República!

CANÇÃO DO Povo

Foste dizer mal de mim
A quem logo me contou;
Eu sempre quis bair e querer
A quem me desenganar.

Que linda pontinha branca
Vejo naquela pontinha;
Quem me dera ser seu pombo
Se ainda não tem casal.

Olhos pretos, ronbadores,
Porque vos não confesses,
Pelos crimes que fazes
E corações que ronbares?

NOTAS E COMENTARIOS

Díario de Notícias

Entrou no seu quinquagésimo aniversário o importante jornal de Lisboa *Díario de Notícias*.

Fundado por Eduardo Celho, que vulgarizou em Portugal o jornal barato, o *Díario de Notícias*, pela sua orientação criteriosa, tem prestado grandes serviços à instrução popular, tornando-se credor das maiores simpatias.

Felicitamo-lo cordialíssimamente.

O testamento de Rampaia

Afinal, apesar das investigações da polícia italiana, ainda não ha esperanças de descobrir o famoso cofre-sininho onde estava o testamento do cardeal Rampaia, recentemente falecido, que, ao proceder-se à tolete mortuária deste príncipe da igreja, mãos piedosas haviam colocado perto do leito, sobre uma secretaria.

Pois não deve a polícia italiana ocupar-se mais com o caso.

Viú o sumiço que levou o cofre e o precioso testamento, não pode haver dúvida de que um e outro desapareceram... por obra e graça do espírito santo!

Remendo

A República, ou seja, o conhecido alcorão do evolucionismo patareta, ainda não deixou de ocupar-se do esco Homero, tratando-o sempre com aquela *imprialidade* que a distingue.

Quem a conhecer...

Agressão traiçoeira

Dizem-nos de Alte que foi ali, no dia 29, traiçoeiramente apunhalado nas costas, por um indivíduo de nome João de Deus, o nosso particular amigo e conterrâneo dr. Cândido Guerreiro, distinto advogado e presidente da Câmara Municipal de Loulé.

Consta-nos que, apesar do ferimento ser em lugar perigoso, não é contudo muito grave.

E, pois, de supor que em breve o sr. dr. Cândido Guerreiro esteja completamente restabelecido.

Oxalá que assim suceda.

Missão delicada

Um reporter do *Comércio do Porto* foi à Galiza para dizer coisas variadas do Homero e pôr tudo em pratos limpos. Vai senão quando... e depois de ter prometido maravilhas, nada diz.

Os conspiradores nada querem dizer também, o que leva à suspeição de que... o Homero é um Homero refinadíssimo!

Testamento de Rampaia

O balão aero-evolucionista mostra-se apreensivo por ter desaparecido este testamento. Apreensivo e descontente, pois que, segundo todas as probabilidades, nesse documento em que Rampaia pôz toda a sua fé e todas as suas convicções,

aconselhavam-se todos os católicos portugueses a seguir a política evolucionista.

Ora, como os católicos portugueses são toda a nação, menos os sr. dr. Afonso Costa, lógico era concluir que desta feita os evolucionistas iriam ao poder.

Que pena perder-se o testamento!

A bon entendeur...

A *Patria* queixava-se amargamente da maneira como um jornal unionista da província ataca o ministério.

Se o diretor da *Patria* lhe não desse guarda, por certo que outro galo cantaria. O pretexto, sendo correto, evitaria também que lhe cortassem a propria pele.

Que isto de afagar certos *parvenus*, com intento de, na sua boca ser enaltecido, dá o resultado deles se suporem superiores.

Pelo contrario

Dizem os economistas que o aumento da população é um bem para as nações. O nosso último censo, registando esse aumento, leva-nos a crer que facilmente se contrabalancará a corrente da emigração, que já vai decrescendo.

Ninguem deixará de reconhecer o benefício que isto nos acarreta. Só o Balão evolucionista olha esse aumento como um prenúncio de miséria!!! Ou ele não estivesse no bloco das oposições!...

Uma Interrogação

A *República* de 30 mate o herói dos 3 contos num ponto de interrogação!

Como a curvatura da interrogação envolve a propria cabeça do senhor Machado dos Santos, faz isto depreender que se está à espera do que daquela cabeça vai sair.

Mas que diabo ha-de sair dali?

Com certeza, com certeza... só lá existe a ambição de ser ministro.

Pretexto futil

O nosso ministro em Madrid, não saendo como descartar-se da legação, que lhe deu suores em barda, declarou agora que optava pelo cargo de senador, como se o sr. Relvas não pudesse continuar em Madrid, sem perder o seu lugar no senado!

E são assim os patriotas que bem desejam servir a nação! Em lhes mordendo a mosca política, logo se manifestam despeitados!

Sendo assim, melhor fora abandonar a legação sem dizer os motivos.

Basta, basta...

Uma República que levou o paiz a um tal estado não vinga, não pode vingar.

Se o ano de 1914 for, para a República Portuguesa, o mesmo que foi o de 1913, a nossa Patria está irremediavelmente perdida.

Precisamos fazer obra nova, dar um traço por cima de todas as asneiras que se tem decretado e voltar amplamente ao 5 de Outubro, recomeçar valentemente...

Tais são as opiniões do sr. Machado dos Santos. Isto é que é discorrer bem...

Ele sempre ha cada-palmera!

Um cravo gigantesco

A imprensa mundial tem-se ocupado largamente do cravo *aristocrata*, cuja flor é a mais bela e a maior que em tal género de plantas tem aparcido até hoje, excedendo muito em dimensões o afamado cravo Lawson, que batia o record do tamanhão.

O feliz produtor desta verdadeira maravilha de floricultura acaba de vender o exemplar a uma companhia americana, que o pagou por 40.000 dollars, ou seja por 200.000 francos, hoje equivalentes a 150 e tal contos.

Muito bonito e muito grande deve ser o tal cravo *aristocrata*, para custar tanto dinheiro.

O cravo é muito grande deve ser o tal cravo *aristocrata*, para custar tanto dinheiro.

Socialistas e socialistas

Guerreiam-se as comadres, descobrem-se as verdades... Assim é. No *Socialista* vai grande celeuma, porque o seu gente, sr. Gabriel Luiz, fechou os cordões à bolsa e não quis dar mais dinheiro. «Que não pagava a ninguém, e o que queria era fechar já a porta.» Vai dahi, os socialistas do *Socialista* proíbem-lhe a entrada no escritório do jornal, e o sr. Gabriel Luiz vem para a imprensa dizer que se vai queixar à polícia, porque foi escroquizado em mais de 600 escudos, e que ante o tribunal da opinião pública díá coisas que se passam no *Socialista* e que apenas prejudicam o partido socialista português.

Por seu turno, o sr. Antonio Pereira,

do conselho do partido, vem à imprensa afirmar que o *Socialista* não é o órgão partidário e que nem sequer está filiado.

A gente do *Socialista* berra, barafusta e resolve mudar o título á *papeleta*, ao mesmo tempo que o pessoal da redação, composto de socialistas, afirma a sua adesão à *Muralha*. São estes os tipos, com certeza socialistas com u, a que ha tempos se referiu o sr. dr. Afonso Costa, no seu extraordinário discurso da Imprensa Nacional.

Pelo hospital

Manifestámos ha dias, num dos nossos ecos, a espiranha que nos causara a circunstância de todos os doentes que morrem a dentro do hospital serem enterrados religiosamente.

Era de supor que esta estranheza causasse bem no espírito dos nossos leitores, e tanto assim foi, que houve um deles que nos escreveu um bilhete postal assim conceituoso, nos termos seguintes:

«Num sueldo do vosso jornal, estranhon V. que todos os falecidos do hospital de Faro tenham enterrado religiosamente... Porque não pergunta V. o motivo por que se continuam a pagar setenta e tantos mil réis a um capelão... se desde que foi implantada a República só um doente pediu a confissão? E deimais, se estes casos se repetissem, lá lava o paroch da freguesia?»

Dizem então que o hospital luta com dificuldades? Porque não põe ele termo a esta despesa? Porque não forma a cultura? Porque não vai buscar ás igrejas o terço da benfeitoria?

Um leitor.

Não deixa de ter graça este postal, por ser bastante curioso e elucidativo. Por ele ficamos sabendo que ali, desde que existe a República, só um doente pediu a confissão; e que se pagam inutilmente a um capelão, setenta e tantos escudos por ano.

Pelo visto, sempre é bom irmos tocando nestas coisas, para que os entendidos nos não esclarecendo.

As mureias

Durante mais de dois séculos, os peixes chamados mureias foram tão apreciados pelos romanos, que Crassus, se afogou mais com a perda dum vulgar mureia do que com a morte de tres dos seus filhos.

Crassus possuia grandes viveiros de mureias, que domesticava metendo-lhes nos operculos anilhas de ouro semelhantes aos brincos usados pelas mulheres.

As mureias eram muitas vezes alimentadas com os corpos dos escravos, que para tal fim eram lançados nas piscinas, amarrados a cadeiras de ferro.

CAMARA MUNICIPAL

Em conformidade com o disposto na lei, abriu hontem a nova camara municipal a sua primeira sessão, que durará oito dias. Houve antes disso uma sessão preparatória, afim de se proceder á eleição da *Meia* do senado, que ficou assim constituida:

Presidente—Pedro Monteiro de Barros.

Vice-presidente—Major Sequeira Soares.

Secretario—Dr. Filipe Baião.

Vice-secretario—Paulo da Silva Pinto.

Principiando nesta altura a sessão camara, procedeu-se á eleição da *Comissão Executiva*, cujo resultado foi o seguinte:

Efeitos

Faro—Dr. Justino de Bivar Weinholtz.

Dr. João Pedro de Sousa.

António Cirilo Favares Belo.

Albino Fernandes Pinto.

Major Sequeira Soares.

S. Braç—António de Sousa Dias.

Santa Barbara—António Carrusca.

R. S. o—Joaquim Afonso de Brito.

Conceição—Manuel de Brito Junior.

Substitutos

Faro—António Franco da Cruz.

Manuel Francisco Costa.

Alonso Pereira de Assis.

José Maria Delgado.

S. Braç—António Guerreiro da Ponte.

João Viegas Calçada.

Santa Barbara—José Vicente de Brito.

Estoi—Manuel Rodrigues Corvo.

</

a promiscuidade, e nada ou pouco mais se pode admitir.

Com a vinda á supuração dos afetos, foi-se esboçando aquela instituição.

A lenda do rapto das sabinas deixa ainda transparecer a violência usada para a posse da mulher, considerada ente inferior, a quem se impõem os mais rudes trabalhos; não quer isto dizer que se não encontrem, aqui e alem, vestígios de consideração, como entre os antigos germânicos, por exemplo.

Observa-se também a posse da mulher pela compra, espécie de transacção feita com os parentes da noiva, a quem, por esta forma, se indemnizava dos serviços que a noiva deixava de fazer na casa paterna.

E' ainda uma situação bem degradante!

Onde ha o culto doméstico, a mulher abriga os deuses paternos e adota os do marido. Identificação completa com o seu novo estado.

Ainda no seu período rudimentar, as fases ou maneiras de ser da família são diversas, e diversa também a conceção do parentesco.

Na promiscuidade, o parentesco estabelece-se principalmente na linha feminina, bem como na polianária.

Na poligamia, o parentesco é na linha masculina.

A mulher é apenas a depositaria das gerações futuras.

No período que se pode denominar da família perfeita, o parentesco estabelece-se nas duas linhas, masculina e feminina.

E' claro que é esta ultima a fase normal, e a verdade na filiação só então se pode atingir.

A etnologia e a historia fornecem larga copia de informações, que servem para documentar essa linha percorrida, em toda a sua existência, por uma parte da humanidade; enquanto outra parte, mais tardatária, a não alcançou ainda.

Seja, porém, como for, é obvia a importância da instituição denominada família, e consequentemente do seu facto inicial, o casamento.

José de Sousa.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

A reação em Espanha

Perante o conselho de guerra reunido em Cadiz, compareceu num destes dias o coronel de infantaria João Labrador, acusado de se recusar a assistir à missa chama da do espírito santo.

Presidiu ao conselho o almirante Sosio e o ministerio publico era representado pelo chefe do estado maior, José González, que pediu para o acusado a pena de seis anos de prisão.

Por sua vez, o encarregado da defesa, o coronel de artilharia António Reyes, pediu a absolvição do acusado.

O veredito do tribunal ficou secreto, conforme determina a lei militar.

Ora aqui está um bom exemplo da tão apregoada tolerância católica, constantemente criada pelos reacionários de todos os matizes, quando alguém põe reparos ao seu zelo religioso.

Pobre Espanha! Que falta faz um 5 de Outubro que te liberte para sempre da escravidão reacionária em que te debates!

Um monstro

No logar da Olha, em Valadares, numa propriedade do sr. António Ferreira, existe uma videira americana que tem de comprimento 20 metros. Esta videira, que é a maior que se conhece, deu este ano uma pipa de vinho de 20 almudes. Muita gente tem ido àquela propriedade ver a referida videira.

A menina de macaco

Segundo os grandes circulatórios, vive ha pouco, em Paris, uma jovem escultora, Mademoiselle Sonia Potnesska, de vinte e dois anos de idade, e que se distingue por ser a possuidora do mais irrequieto dos macacos.

Ha dias, a jovem artista, que ocupa um elegantsíssimo apartamento, na rua Edgar Luine, saiu pela manhã para a Escola de Belas Artes, deixando fechado o seu estúdio macaque, numa ampla e confortável gaiola.

Ao recolher a casa, á noite, verificou, porém, com espanto, que o seu irrequieto simio desaparecera.

Este, certamente aborrecido pela ingratitudem em que o deixara a sua genial dona, conseguiu abrir a porta da gaiola e saltar para a rua, utilizando uma janela aberta.

Cá lôra fez o bom e o bonito. Saltou sobre quem passava, amolgou chapéos, furtou plumas ás damas, pachou pelas abas das casacas de respeitáveis monsieurs que a má sorte levava a trastiar náquele momento por aquelas paragens e, por fim, vendo-se perseguido pela turba, que com ele a dar-lhe furiosa caça, trepou pelo tubo dum algoroz, numa casa do boulevard Raspail, entrando por uma janela que encontrou aberta.

Ali deparou-se-lhe um velho professor, M. Dumont, sentado á sua secretaria e ocupando-se na maçante tarefa de corrigir os temas dos seus discípulos.

O macaco não quis perturbar o pedagogo, e tratou de acomodar-se o melhor que pôde no cesto dos papeis.

O professor, porém, é que não recebeu

com agrado tal companhia e começou a gritar a plenos pulmões.

Acudiu a polícia, que lá tem o pitoresco e sugestivo título de guarda da paz, e depois de varias peripécias conseguiu deitar a mão ao fugitivo, lançando sobre ele um forte casaco de abafar, que lhe imobilizou os movimentos.

Quando, dali a pouco, Mademoiselle Potnesska, a gentil escultora apareceu no comissariado da polícia a participar, lavada em lagrimas, a fuga do seu querido *mono*, teve a grande alegria de lá o encontrar detido, muito quieto e talvez já muito cheio de arrependimento pelas práticas que praticara.

Por fim, tendo declarado á polícia que o seu irrequieto macaco era um dos maiores rôedores conhecidos, visto que rôe as coleiras, a gaiola e os moveis, Mademoiselle Potnesska levou o seu amiguinho para casa, depois do comissário lhe ter recomendado mais cautela com o bicho.

Aqui ha anos, também no Porto houve coisa semelhante, que Guedes de Oliveira aproveitou espirituosamente para a sua revista *All... à preta*.

Tratava-se dum menino a quem fuziava um macaco e que aparecia no palco, lavada em lagrimas, cantando a fuga do bicho, enquanto o coro cantava:

Agarra, menina, agarra...
Agarra, menina, agarra...
O Pan-ta-leão!

Macrobiós

Na freguesia de Cabeça Boa, no concelho da Torre de Moncorvo, distrito de Bragança, reside um macrobio que conta 107 anos, pois nasceu em 1806 naquela mesma freguesia. Viveu, sempre no campo, entregue aos trabalhos agrícolas, em que ainda se ocupa, e nunca saiu da localidade em que nasceu.

Casou duas vezes, sempre com viúvas, vivendo casado durante 83 anos, em estando de viúvez, no intervalo dos dois casamentos, apenas dois anos, e em solteiro, portanto, 22 anos. Gosou sempre de boa saúde e teve dos dois casamentos 17 filhos, dos quais são vivos dois. Nunca passou privações, tendo vivido sempre como lavrador remedado.

Dum outro exemplo de longevidade temos também conhecimento, e este ainda mais notável, por se tratar dum aventureiro que tem vivido sempre em precárias circunstâncias, passando inclemências e privações durante toda a sua longa peregrinação pelo mundo. Referimo-nos a Maria Moça, do concelho de Sardoal, freguesia de Alcaravela, que atualmente conta 120 anos e apenas ha cinco anos essa impossibilitada, não pela idade, mas por efeito de uma queda que deu.

Entretanto, ainda hoje come com apetite, quando encontra pessoas generosas que a socoram. E' solteira, mas teve 2 filhos.

Estes casos, provam que não são raros em Portugal os exemplos de longevidade, geralmente em pessoas que passam a sua vida na tranquilidade das aldeias, pois a vida intensa e agitada dos grandes meios cada vez tende mais a encarar a média da existência humana.

Na aza do sonho:

Assim se inicia o ultimo livro de versos do ilustre poeta algarvio dr. João Lucio, cuja oferta muito nos penhorou e que vamos ler com o interesse que sempre nos mereceram os rendilhados lavoros do seu privilegiado espírito de artista.

A nevrose literaria

O fato do trabalho é uma das mais curiosas manifestações da nevrose literária.

Poucos escritores contemporâneos prescindem dum trajo especial, quando escrevem os seus livros, e que até certo ponto soleniza a seus olhos tão ingrata e laboriosa tarefa.

O chambre de Balzac é ainda muito usado. Richépin usa uma toga vermelha, semelhante á dos cardeais, com que simboliza a truculência do seu talento.

Huysmans usou muito tempo um hábito de frade, antes de encerrar-se num mosteiro.

Gabriel de Anuncio, na sua linda Vila de Pescara, gosta de compor os seus poemas de magnificencia e de orgulho transcendente, longe do mundo exterior, á porta fechada, e não se lava da fama de vestir de sarafim, para recreio proprio.

Verlaine precisava de visitar uma cerjearia ou um hospital para que a sua musa o inspirasse.

Pierre Loti não pode escrever as suas impressões acerca das paixões exóticas do Oriente, sem envolver-se em trajes orientais, ao contrario de George Sand, que gostava de usar calças.

Paul Bourget parece prender-se á nobre tradição de Buffon.

De boa vontade ele escreveria de mangas de renda, se elas ainda estivessem em moda.

A inspiração, segundo o seu autorizado parecer, não deve ser acolhida senão com muita cerimonia.

Diz-se que Eugenio Sue escrevia com os pés metidos num alguidar cheio de agua gelada, para facilitar o fluxo, mas usava luvas para segurar a pena.

Atualmente muitos homens de letras adotaram no seu gabinete de trabalho costumes de sport, o que é verdadeiramente a imagem do pensamento no seu actual.

O macaco não quis perturbar o pedagogo, e tratou de acomodar-se o melhor que pôde no cesto dos papeis.

O professor, porém, é que não recebeu

CONTOS E NOVELAS

PARA AS CRIANÇAS

(De Paul Réane)

O NATAL é um bom, entre as alegrias da grande ceia e o deslumbramento dos presentes de boas festas, decorre uma semana em que as crianças, e até muitos adultos, não sabem como entreter o tempo.

O frio lá fóra é cortante, e ainda que o sol brilhe e o céu azulje, ha sempre uma certa hesitação em romper pelos caminhos.

Fica-se então em casa, junto á lareira cujo fogo se alimenta á força de tóros de lenha e pede-se á avó que conte uma história.

A bôa da velha faz-se sempre rogar, alega que já contou quantas sabia, mas por fim apresenta sempre uma história nova.

Querem, talvez, saber a ultima?

E' pequena e pouco macadora. Reduz-se á curiosa narrativa das aventuras de Flôrbela e Flôrbim.

Flôrbela, filha duns pobres camponeses que moircavam todo o dia nas terras para ganharem um pedaço de pão, era pequenina ainda e ficava em casa para esperar o lume e fazer o caldo.

Flôrbim era um lindo gatinho preto, tinham-lhe posto este nome porque passava o dia inteiro a seguir os menores movimentos de Flôrbela, quer esta estivesse pondo o caldeiro ao lume, quer ateando-o com alguma acha de lenha.

Flôrbela e Flôrbim eram muito amigos. O contrario é que seria para admirar. Se não fosse Flôrbim, a pobre Flôrbela, sempre ao pé da lareira, morreria de tedio, e Flôrbim, por sua parte, devia a vida a Flôrbela.

Corajosamente arrebatara-o a pequenita a uma horda de rapazes turbulentos, julgando-o morto, iam enterrá-lo debaixo de umaogueira.

Cuidara dele, curaria-o das pancadas e ferimentos recebidos, repartira com ele o mingau quinhão nas refeições; e Flôrbim, dotado de bom coração, afeiçoara-se tanto a Flôrbela que, coisa rara num gato!, levava o seu heroísmo a ponto de a seguir tic, tic, tic, quando ela saia, voltando-se de vez em quando para traz, enquanto podia avistar através das arvores o colmo da choupana, donde se evolava em espirais o fumo alvarento da chaminé.

E nunca aquelas duas criaturas se zangavam.

No entanto um certo dia, triste e chuvoso, Flôrbela, acariciando o seu gatinho disse-lhe:

— Ah! Flôrbim, meu pobre Flôrbim, eu não choro o pão que tu comes, mas, ao menos, para de alguma forma ganhares a vida, me ajudares a atear o fogo...

Ora nessa época ainda não se tinham inventado os foles e Flôrbela esperava o lume, como usa ainda em França muita gente pobre, com o auxilio dum cana muito comprida a que o pão tirara os nós.

E, rindo, Flôrbela concluirá:

— Não vês, meu pobre Flôrbim, que á força de trabalhar assim enchem-se-me os olhos de lagrimas e os cabelos de cinza?

Flôrbela disse aquilo em ar de graça, mas Flôrbim, que a comprehendera, riu. E dahi por diante, logo que o fogo começava a esmorecer, Flôrbim ia acocorar-se em frente da fornalha, e sem a cana deixar de estar encostada á parede, sem Flôrbela se incomodar, as labaredas rompiam, as achas de lenha rúbricas salavam-se, e salamandras cor de ouro agitavam-se nas chamas moveidas, como as brasas se reavivavam sob a fosfocencia dos olhos de Flôrbim.

E Flôrbela, muito contente, muito alegre, já não tinha os olhos vermelhos, nem cheios de cinza os seus lindos cabelos louros.

Num outro dia, dali a algum tempo, já Flôrbela estava crescida e não lhe ficavam bem os vestidos curtos, uns trocistas d'ela a ideia zombaram dela porque lhe viravam as pernas.

— Ah! Flôrbim, meu pobre Flôrbim, que pena seres um gato! Se fosses um filho de rei, todo vestido de carmezim, com esporas reluzentes, envolver-me-ias na tua capa, colocavas-me depois sobre o teu cavalo e iríamós, campos fora, para longe, para muito longe, visto que meus pais já morreram e só a ti amo este mundo.

Tendo proferido estas palavras com os olhos fechados, Flôrbela accordou é ficou muito surpreendida de não ver Flôrbim junto de si, segundo o costume, e reparou que o fogo estava quasi a apagar-se.

— Flôrbim! Flôrbim! Pois te deixas-me assim, com o tempo destes!...

E Flôrbim sem responder.

Afita, apesar da neve que caia, ela correu descalça até ás ultimas casas da aldeia, gritando: — Flôrbim! Meu pobre Flôrbim!

Mas o gatinho não aparecia. Não havia meio de ver destacar o seu vulto negro e airoso da alvura da neve!

Então Flôrbela sentiu-se muito desgraciada e chorou muito, muito.

— Oh! Devoraram-nos as feras ou mataram-nos os rapazes! Pobre Flôrbim!

Mas o gatinho não aparecia. Não havia meio de ver destacar o seu vulto negro e airoso da alvura da neve!

Então Flôrbela sentiu-se muito desgraciada e chorou muito, muito.

E Flôrbim sem responder.

Afita, apesar da neve que caia, ela correu descalça até ás ultimas casas da aldeia, gritando: — Flôrbim! Meu pobre Flôrbim!

Mas o gatinho não aparecia. Não havia meio de ver destacar o seu vulto negro e airoso da alvura da neve!

Então Flôrbela sentiu-se muito desgraciada e chorou muito, muito.

— Flôrbim! Devoraram-nos as feras ou mataram-nos os rapazes! Pobre Flôrbim!

Mas o gatinho não aparecia. Não havia meio de ver destacar o seu vulto negro e airoso da alvura da neve!

Então Flôrbela sentiu-se muito desgraciada e chorou muito, muito.

FABRICA PROGRESSO FARENSE

DE LADRILHOS
MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES

FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITIOS MODERNO

Depósito de cimentos nacionais e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP. A FARO

Ninguem manda vir de fóra nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fábrica

nd, nota recita promovida por amadores.

Messines

O rapazinho anda desenfreado. A' noite não se pode sair à rua, com o risco de apanhar uma pedrada. O regedor não tem força para se impor e dessecessariamente se torna pedir provisões para Silves. Torna-se necessariamente que o novo administrador de Silves siga o exemplo do seu antecessor, sr. Enrico de Campos, que algumas vezes aqui aparecia policiando o povo e fazendo ceder em respeito os desordeiros e as más línguas. Nesse tempo todo estava surregado; hoje, inda começo a desandar. E' preciso, pois, que o sr. administrador do concelho nos dê as necessárias provisões.

A telegrafista de Boliqueime

AO SR. GONÇALVES ELIAS JUNIOR

Quando existe a razão, é lindo que se esclareça e certifique, mas sem ela é triste e lamentável, como sucede nos artigos ultimamente escritos pelo sr. Gonçalves Elias, contra a telegrafista de Boliqueime.

Traia-se de intrigas familiares, que existem de ambos os lados, ou de qualquer outra.

Vanous a narrar, que é mais logico.

A estação telegrafo-postal de Boliqueime foi aberta à exploração há um ano, pouco mais ou menos, tendo o serviço dos correios de ser reigrado da casa do sr. José Antônio, sogro do sr. Gonçalves Elias, que muito naturalmente ficou melindrado, e com razão, por lhe reirarem um direito adquirido que já tinha na conta de ser uma herança.

Tomando a telegrafista conta do seu cargo, começou a cumprir os seus regulamentos para com o povo, assim de o habituar e alvejando até pessoas de sua família, inclusive atingir a esposa do sr. Gonçalves Elias.

Certamente os habitantes estranharam e a valer, porque estavam costumados a uma grande regata: a irem a toda a hora a casa do sogro do sr. Gonçalves Elias buscar as suas correspondências, por sempre estar aberta, visto ser uma casa de vendo, o que não tem sucedido na estação dos correios e telegrafos, na qual, como tenho notado, não tem havido exceções, nem faltas de cumprimento de deveres.

Mesmo que os houvesse, o sr. Gonçalves Elias não tem que as censurar como ferroviário, porque, no exercício das suas funções, muitas tem conceido, e eu que o digo, e o sr. Gonçalves Elias não ignora que o sei.

Apresentou algumas declarações em seu abono, mas de quem eram essas declarações? perguntou eu. De pessoas de sua família e uns homens que não tem nome na sociedade.

Algumas das declarações foram feitas pelo sr. Gonçalves Elias, com o seu próprio punho (a seu belo gosto), disfarçando a leitura como se estivesse no «Caraval».

J. B.

Cuidado com os legumes crus

Agora, que a febre tifoide circula em Lisboa, inspirando serio temor aos miseráveis viventes, vem a propósito lembrar alguns conselhos higienicos de fácil e sensata aplicação.

São numerosas as pessoas que tem o hábito de se utilizar de legumes, que se consomem em crú, apenas sacudidos por água fresca. E' este um uso muito que convém por completo pôr de parte, pois os legumes crus não lavados, ou mal lavados, alem dos germes de muitos vermes intestinais, o que seria o menos, podem transmitir-nos os bacilos da febre tifoide e os do terrível tétano. Os legumes infecçãoam-se muito facilmente por meio das águas de latrina ou das adubas humanas, aplicados ao solo onde vegetam, e os bacilos perigosos, que nos legumes fundamentalmente se encrustam, resistem, na maior parte dos casos, a lavagens repetidas em água fria.

E' fácil verificar isto lavando em água pura uma certa quantidade de quaisquer dos legumes que é costume consumir crus, como as saladas, as chicorrias, o almeirão, o agridão, o aipo, o rabanete, etc., e, depois de escorridos, passa-los demoniadamente por água esterilizada. Examinando-se a seguir os resíduos deixados pelos legumes na água esterilizada, descobre-se a existência, entre eles, de inúmera quantidade de bacilos variados, abundando em geral os das doenças mais perigosas.

Quem quizer, pois, ter a certeza de que os legumes que usar a crú estão absolutamente indenes, deve, depois de bem lavados em água pura, mergulhá-los durante meia hora em uma solução de ácido cítrico na proporção de 3 de ácido por cada 100 de água. Esta solução ácida, que é muito barata e de grande poder antiseptico, não deteriora os vegetais, antes lhes dá um fino sabor a limão.

Eduardo Sequeira.

CARTEIRA

Doentes:

Encontra-se facilmente melhor o nosso pessado amigo e corregedor, sr. Antônio Pereira Marques, que tem estado há longos tempos em casa por falta de saúde.

FARMACIAS

Estão amanhã de serviço as seguintes farmacias:

Moreno Alves, (Rua Conselheiro Bivar 84); Amílal Alexandre (Praça D. Francisco Gomes); Bandeira & Ramos, (Rua D. Francisco Gomes 40).

EXPLICADORES

Joaquim Neves, com longa prática de línguas, e Raul Calazans, com o 7.º ano de ciencias, explicam por preços razoáveis todas as disciplinas do curso geral dos liceus. Largo do Liceu—FARO

VIDEIRAS AMERICANAS

Enxertos, barbados e estacas. Arvores de fruto, oliveiras e eucaliptos. Qualidades garantidas para todos os terrenos.

Pedir catálogos a MANUEL JOAQUIM DOS SANTOS, Rua Saraiça de Carvalho 232-3.º D.º—LISBOA

AGRADECIMENTO

Eduardo Scrafim agradece muito pelo honorado an.º ex.º sr. dr. Francisco Vaz o assiduo zelo e cuidado que empregou durante a sua longa doença, e bem assim a todas as pessoas que se interessaram pelas suas melhorias.

Dirigir ao mesmo em Faro.

Faro, 3 de janeiro de 1914.

